



---

---

**ARTIGO ORIGINAL**

---

---

**AVALIAÇÃO DE SINTOMAS ANSIOSOS EM ESTUDANTES DE MEDICINA  
DA CIDADE DE TUBARÃO DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO****EVALUATION OF ANXIOUS SYMPTOMS IN MEDICAL STUDENTS IN THE CITY  
OF TUBARÃO DURING THE PANDEMIC PERIOD**Isadora Ramos Roggia<sup>1</sup>Viviane Pessi Feldens<sup>2</sup>Kelser de Souza Kock<sup>3</sup>Lucas Philipe de Sena<sup>4</sup>Júlia Glevinski Queiroz de Santana<sup>5</sup>**RESUMO**

**Introdução:** Os acadêmicos de medicina fazem parte de um grupo susceptível a doenças psiquiátricas, o que foi agravado com o período pandêmico, diante de mudanças na rotina acadêmica além de sentimentos como medo, insegurança, angústia e nervosismo. **Objetivo:** Avaliar os sintomas ansiosos entre os acadêmicos de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina, na cidade de Tubarão durante o período pandêmico. **Métodos:** Estudo observacional com delineamento transversal, realizado no período de agosto a outubro de 2021. A população foi constituída de 302 estudantes do curso de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina – Campus Tubarão/SC. A variável dependente foi o Inventário de Ansiedade de Beck (BAI) e as independentes foram o questionário elaborado pelos autores. O nível de significância estatística estabelecido foi de 5%. **Resultado:** Participaram do estudo 302 alunos. A presença de sintomas ansiosos (IAB  $\geq 8$ ), foi percebida em 76,6% dos estudantes, sendo que 57,6% era do sexo feminino. Os alunos do período clínico apresentaram maiores índices ansiosos com 45,9% enquanto o internato apenas 20,8%. Estudantes que fazem atividade física 3 vezes ou mais por semana tem um fator protetivo contra ansiedade com uma probabilidade 0,937 (IC 95% 0,880 - 0,998). Também, os discentes que perderam familiares no período pandêmico apresentaram uma tendência maior de sintomas ansiosos. **Conclusão:** Os resultados demonstraram que o alto índice de sintomatologia ansiosa na população estudada foi agravado pelo período pandêmico.

**Descritores:** Ansiedade, Estudantes de Medicina, Pandemia, Saúde Mental

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Medicina, Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) - Tubarão-SC. E-mail: isadoraroggia@gmail.com<sup>2</sup> Doutora e Professora do curso de Medicina, Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) - Tubarão-SC. E-mail: viviane.pessi@gmail.com<sup>3</sup> Doutor e Professor do curso de Medicina, Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) - Tubarão-SC. E-mail: kelserkock@yahoo.com.br<sup>4</sup> Acadêmico do curso de Medicina, Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) - Tubarão-SC. E-mail: lucas.phsena@hotmail.com<sup>5</sup> Acadêmica do curso de Medicina, Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) - Tubarão-SC. E-mail: juliaglevinski@gmail.com



## ABSTRACT

**Introduction:** Medical students are part of a susceptible group to psychiatric diseases, which was aggravated with the pandemic period, in the face of changes in the academic routine, in addition to feelings such as fear, insecurity, anguish and nervousness. **Objective:** To evaluate anxious symptoms among medical students at the Universidade do Sul de Santa Catarina, in the city of Tubarão during the pandemic period. **Methods:** Observational study with a cross-sectional design, carried out from August to October 2021. The population consisted of 302 medical students at the Universidade do Sul de Santa Catarina – Campus Tubarão/SC. The dependent variable was the Beck Anxiety Inventory (BAI) and the independent variables were the questionnaire developed by the authors. The established level of statistical significance was 5%. **Result:** 302 students participated in the study. The presence of anxious symptoms (IAB  $\geq 8$ ) was noticed in 76.6% of the students, of which 57.6% were female. The students of the clinical period had higher anxiety rates with 45.9%, while the internship only 20.8%. Students who do physical activity 3 times or more a week have a protective factor against anxiety with a probability of 0.937 (95% CI 0.880 - 0.998). Also, students who lost family members in the pandemic period were more likely to have anxious symptoms. **Conclusion:** The results showed that the high rate of anxious symptomatology in the population studied was aggravated by the pandemic period.

**Keywords:** Anxiety, Medical Students, Pandemic, Mental Health

## INTRODUÇÃO

A entrada na universidade é um processo árduo ao estudante, o qual passa por inúmeras mudanças, sendo um grande momento de estresse psicológico<sup>1</sup>. Durante a faculdade, o acadêmico se depara com diversas situações de exigências, crises, inseguranças e novas adaptações as quais, por muitas vezes, são desafiadoras e podem acarretar em sofrimento e adoecimento psíquico<sup>2</sup>.

Observa-se, durante as últimas décadas, um aumento da prevalência de transtornos mentais, como a ansiedade e a depressão na população geral. Comparando com o ambiente acadêmico, é possível evidenciar que a ansiedade afeta, consideravelmente, estudantes universitários, principalmente os da área da saúde, os quais, apresentam níveis maiores dos aspectos que constituem tal transtorno quando comparados a outras áreas de ensino<sup>3,4</sup>.

A ansiedade é caracterizada como uma emoção e reação natural transitória da vivência humana<sup>5</sup> e é uma junção de sentimentos, como medo, angústia, preocupação apreensão e também uma antecipação futura, sendo fundamental em níveis baixos, principalmente como estímulo de luta e fuga<sup>6,7</sup>. Essa se torna patológica quando traz prejuízos para a pessoa, sendo mais frequente e intensa, e desse modo, o sujeito apresenta sinais de resistência em se relacionar e se ajustar ao meio, principalmente no que corresponde as demandas cotidianas devido ao adoecimento psíquico<sup>5,8</sup>.

Inesperadamente, em dezembro de 2019, iniciou-se um surto de pneumonia na cidade na cidade de Wuhan, província de Hubei na China, tendo como causa um novo vírus denominado de SARS-CoV-



2 (Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2). A Organização Mundial da Saúde, em 2020, declarou o novo coronavírus (COVID-19) uma emergência de saúde pública<sup>11,12</sup>. Diante da alta transmissão do COVID-19 e a inexistência de um tratamento eficaz, o uso de máscaras, hábito frequente de lavar as mãos ou uso álcool em gel, suspensão de diversos serviços não essenciais, além de distanciamento e isolamento social foram implementados<sup>11</sup>.

Todo esse novo contexto acarretou uma mudança radical na rotina diária da população, com impactos na área pessoal, social e laboral, afetando psicologicamente diversos grupos sociais, como os estudantes<sup>11,13,14</sup>. Uma pesquisa realizada no Brasil, nos meses de maio, junho e julho de 2020 revela que aproximadamente 80% da população brasileira tornou-se mais ansiosa durante a pandemia do novo coronavírus<sup>15</sup>.

As Instituições de Ensino Superior no Brasil e no mundo, tanto públicas quanto privadas, precisaram suspender aulas presenciais e adotar, em sua grande maioria, novas estratégias de ensino e aprendizagem virtual, com o intuito de prosseguir com as atividades acadêmicas, bem como com seus calendários letivos e tentar reduzir o índice de evasão dos acadêmicos<sup>16,17</sup>. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization – Unesco), em meados de março de 2020, a crise de saúde causada pelo coronavírus afetou mais de 90% dos estudantes em todo mundo<sup>18</sup>.

Os estudantes de medicina, em especial, já faziam parte de um grupo vulnerável para o adoecimento mental, devido carga horária exaustiva, às cobranças pessoais e externas, à hostilidade de docentes e ao estresse crônico<sup>20</sup>. Além disso, com migração para o ensino *on-line*, especialmente em um curso que não foi projetado para essa modalidade, reduzindo a interação e as experiências práticas, provavelmente, resultou em um aumento do estresse entre os alunos, cursando com um impacto negativo na saúde mental desses<sup>20,21</sup>. Em um estudo realizado em diversas universidades do Brasil, demonstrou uma relação entre o isolamento social enfrentado em razão da pandemia da COVID-19 e os altos níveis de sofrimento psíquico em discentes de Medicina do Brasil<sup>20</sup>.

Dessa forma, pode-se perceber que o novo coronavírus, trouxe muitas mudanças a vida da população, revolucionando as formas de aprendizado, aumentando as dificuldades de adaptações ao novo e conseqüentemente gerando mais estresse e ansiedade. As incertezas dessa nova realidade, o aumento de exigências, a redução do contato social, podem prejudicar a saúde mental de muitos estudantes, corroborando para o adoecimento psíquico. Portanto, este estudo teve por objetivo avaliar



os sintomas ansiosos entre os acadêmicos do curso de medicina na cidade de Tubarão durante o período pandêmico.

## MÉTODOS

Trata-se de um estudo observacional com delineamento transversal, realizado no período de agosto a outubro de 2021. A população foi constituída de 302 estudantes do curso de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina – Campus Tubarão/SC, sendo incluídos acadêmicos com mais de 18 anos, do 1º ao 12º semestre da graduação de medicina, os quais responderam os questionários virtualmente via *Google Forms*®, excluindo os que não aceitaram participar da pesquisa.

Os alunos foram orientados sobre os objetivos da pesquisa, seu caráter voluntário e a confidencialidade das informações, cujos resultados seriam demonstrados globalmente, sem identificação individual. Aqueles que concordaram em participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os dados foram coletados por meio de 2 instrumentos autoadministrados. O primeiro utilizado teve como intuito avaliar dados sociodemográficos e perguntas sobre a história pessoal do aluno o qual foi elaborado pelos autores. O segundo empregado foi Inventário de ansiedade de Beck (BAI) para avaliar a sintomatologia ansiosa o qual é composto por 21 itens. Pontuações até 7 refletem ausência de ansiedade ou sintomas mínimos, de 8 a 15 a sintomatologia é leve, de 16 a 25 é moderada, de 26 a 63 é grave<sup>22</sup>.

Com o intuito de facilitar a interpretação dos dados, foram criadas duas novas categorias a partir do escore alcançado sendo elas categorizadas em sem sintomas ou com sintomas mínimos ( $BAI \leq 7$ ) e com sintomas ( $BAI \geq 8$ ). Os alunos foram divididos em 3 amostras independentes correspondentes ao ciclo básico (1º e 2º anos), ao ciclo clínico (3º e 4º anos) e internato (5º e 6º anos).

Os dados foram tabulados e analisados pelos programas Excel e SPSS versão 20.0. Variáveis quantitativas foram descritas por medidas de tendência central e dispersão dos dados, e qualitativas por frequência absoluta e percentual. O nível de significância estatística estabelecido foi de 5%. Foram realizadas comparações na presença de sintomas ansiosos de acordo com variáveis de interesse por meio da razão de prevalência, com intervalo de confiança de 95%.

O presente estudo seguiu as diretrizes e normas regulamentadores da pesquisa científica, sob a resolução CNS 466/12. O Projeto aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) sob o parecer 4.869.746, no dia 27 de julho de 2021.



## RESULTADOS

Participaram do estudo 302 alunos do curso de medicina, sendo 70,5% do sexo feminino e 29,5% do sexo masculino. Aproximadamente 33,8% do ciclo básico, 44,4% do ciclo clínico e 21,9% do internato. A idade variou de 18 a 53 anos. Em relação ao perfil sociodemográfico, 88,4% dos alunos afirmaram serem solteiros e cerca de metade moram com familiares. Quanto a atividade física, apenas 18,4% não realizam e 81,1% praticam algum exercício físico pelo menos uma vez por semana. Também 69,5% dos acadêmicos fazem uso de bebida alcoólica pelo menos uma vez na semana. Os dados que se referem ao perfil sociodemográfico correlacionados à porcentagem dos estudantes com sintomas ansiosos encontram-se na tabela 1.

Além do mais, 59,6% não apresentavam diagnóstico prévio de ansiedade, quando analisado a utilização de psicofármacos 31,1% fazia uso. Sobre a necessidade da procura por atendimento psicológico ou psiquiátrico no último ano, 28,5% buscaram ajuda e 33,1% sentiram necessidade, mas não procuraram assistência. Com relação ao Sars-Cov-2, 57,2% não foi infectado ou não apresentou sintomas e 33,4% perderam familiares ou amigos pelo COVID-19. Ainda, 74,9% dos alunos não estavam adaptados (EAD) e 52% estava insatisfeito com o curso. Os alunos que pensaram em desistir da graduação foram 28,8% e apresentaram uma tendência maior a desenvolver sintomas ansiosos quando comparados com quem não teve esse pensamento.

Em relação a totalidade, 76,6% dos estudantes apresentavam sintomas de ansiedade ( $IAB \geq 8$ ), sendo que 57,6% eram do sexo feminino. Entre os ciclos, aos alunos do período clínico apresentaram maiores índices ansiosos com 45,9%, enquanto acadêmicos do internato 20,8%. As questões que obtiveram maior frequência foram relacionadas a sentir-se nervoso (86,1%), incapaz de relaxar (82,1%), medo de que aconteça o pior (77,2%) e apresentar palpitação ou aceleração (67,9%).

No que se refere aos acadêmicos que não tinham diagnóstico prévio de ansiedade aproximadamente 68,2% apresentam sintomas que referiam a ansiedade ( $BAI \geq 8$ ) e que dentre os alunos que não utilizavam algum tipo de psicofármacos 70,7% apresentavam prevalência de manifestações ansiosas. Vale ressaltar que as pessoas que não estavam adaptadas ao EAD (60,6%) e também aqueles que tinham dificuldade de estudar por não conseguir se concentrar (51,3%) apresentaram-se mais ansiosos quando comparados aos que se adaptaram normalmente. Ainda, os discentes que perderam familiares no período pandêmico apresentaram uma tendência maior de apresentar sintomas ansiosos. A respeito dos dados referentes as características clínicas dos estudantes de medicina e a existência de sintomas ansiosos podem-se ser verificados na tabela 2.



As mulheres apresentaram mais sintomas graves de ansiedade quando comparadas a população masculina com um percentual de 85,2%. Quando feita essa análise para os ciclos, o período clínico manifestou mais sintomas graves quando comparados ao básico e internato. Essas informações são analisadas na tabela 3.

Com os dados coletados, também, foi possível inferir que estudantes os quais fazem atividade física 3 vezes ou mais por semana tem um fator protetivo contra ansiedade com uma probabilidade 0,937 (IC 95% 0,880 - 0,998)

## DISCUSSÃO

A pandemia da COVID-19 afetou diversos âmbitos do mundo inteiro, dentre os que mais foram impactados está o ambiente da educação<sup>18</sup>. Os universitários sempre foram um grupo de risco bastante vulnerável, e com período pandêmico, os sentimentos de medo e angústia se intensificaram, tendo em vista diversas mudanças sofridas na rotina da população, esse risco de transtornos de ansiedade e sofrimento psíquico se tornou mais alto<sup>26</sup>. Tendo isso, as análises com os acadêmicos de medicina durante esse período são fundamentais para a formação na carreira de medicina, principalmente ao associar a sentimentos que acarretam aflições e quadros de ansiedade em virtude de mudanças abruptas e pelas impossibilidades de aulas presenciais, corroborando para incertezas e impedimento da realização das práticas em saúdes<sup>24,25</sup>.

A porcentagem de sintomas ansiosos (76,6%) encontrados na população avaliada quando comparados com um estudo realizado em 2017 com a mesma população e universidade de Tubarão, tiveram um aumento significativo de 13,6%<sup>25</sup>. Também em relação a uma metanálise brasileira realizada em 2017 que encontrou 32,9%, inferindo assim que os níveis de ansiedade do atual estudo são muito superiores<sup>24</sup>. Ao trazer essa análise para os dias atuais, um estudo realizado com 296 estudantes de medicina de uma universidade privada do estado do Maranhão, demonstrou que 53,4% apresentavam alguns sinais e sintomas de ansiedade<sup>27</sup>. Isso demonstra que o aumento de sintomas ansiosos encontrados neste estudo foi superior à média dos dados da literatura.

Os acadêmicos de medicina sempre foram grupos de risco para desenvolvimento de problemas no que corresponde saúde mental, tendo em vista que o curso de medicina por si exige muito destes, implicando em jornadas longas, cansativas e estressantes diariamente, sem contar a necessidade de lidar com o sofrimento, a dor e até a morte de pacientes<sup>28,29</sup>. Com a pandemia um estudo transversal que avaliou 656 acadêmicos do curso de medicina do Brasil demonstrou que 62,8% apresentavam sinais e



sintomas de adoecimento psíquico dentre eles a ansiedade demonstrou-se ser a mais prevalente, assim como o presente estudo demonstra que a ansiedade se encontra em 76,6% dos acadêmicos avaliados<sup>20,30</sup>. Esses dados alarmantes indicam que essa população carece de meios que potencializem a saúde mental desta população, e ainda que corroborem para que esses desenvolvam medidas de manejo e enfrentamento as demandas que emergem no seu cotidiano. Com isso, entende-se a importância da implementação de políticas que busquem sanar tais necessidades dentro do meio universitário<sup>30</sup>.

A amostra do presente estudo apresentou uma prevalência (70,5%) e maiores níveis (57,6%) de ansiedade em pessoas do sexo feminino. Tais aspectos vão ao encontro com outros estudos avaliados<sup>31,32,33</sup>. Concomitante a isso, pode-se evidenciar que mulheres apresentaram quadros mais graves (85,2%) de ansiedade quando comparado aos homens. Tais dados na literatura, corroboram para o entendimento de que mulheres são mais suscetíveis a serem acometidas pela ansiedade e estresse, principalmente ao relacionarmos sua construção histórico-social dos múltiplos papéis exercidos na sociedade além de uma carga de trabalho excessiva que afetam sua saúde mental<sup>10,20</sup>.

No que tange os ciclos acadêmicos, os sintomas ansiosos foram levemente mais expressivos no ciclo clínico, seguido do básico, porém sem muita diferença estatística. Salienta-se que esse cenário conflitua com um estudo realizado em uma universidade de medicina em Salvador<sup>32</sup>. Ademais, há mudanças trazidas pela pandemia em virtude da alteração brusca na rotina e até mesmo pela perda da produtividade, tais resultados demonstrados, afirmam que algum nível de sintomatologia ansiosa esteve evidente em 80% dos acadêmicos que relataram não estar adaptado ao novo ensino com problemas de concentração (81%) e com dificuldade de estudar (80,8%). Isso vai ao encontro com alguns estudos, os quais reiteram que a pandemia apresentou repercussões negativas na saúde mental dos discentes<sup>28,34,35</sup>.

Em relação ao nível de satisfação com o curso, cerca de 82,2% dentre os insatisfeitos se apresentaram ansiosos, e sobre os que pensaram em desistir do curso 86,2% também apresentavam sintomas. Entre esses últimos, um estudo realizado no Amapá demonstrou uma associação em que foi observado que os maiores índices de ansiedade moderada a grave nesse grupo. Vale ressaltar que, a ansiedade demasiada é prejudicial para o bem-estar físico e psicológico dessa população o que pode culminar em prejuízos de aprendizado e levar a uma futura desistência do curso<sup>31</sup>.

Segundo BAI, os sintomas mais prevalentes encontrados nesses universitários foram: sentir-se nervoso, incapaz de relaxar, medo de aconteça o pior, palpitações ou aceleração corroborando com outro estudo<sup>25,36</sup>. Na presente pesquisa não foi possível observar uma associação entre ansiedade e uso de tabaco de bebida alcoólica. Entretanto, a atividade física apresentou-se como um fator protetivo para o



desenvolvimento de sintomas ansiosos mesmo com uma prática em menor quantidade de dias, o que está de acordo com a literatura, tendo em vista sua relevância na prevenção não farmacológica de doenças, efeitos positivos na saúde mental e na promoção de geral da saúde <sup>32,37</sup>.

Pode-se observar que os discentes que tiveram exame de confirmação para COVID-19 positivo, e perderam familiares e amigos próximos apresentaram uma tendência maior em desenvolver sintomas ansiosos. Isso vai ao encontro de um estudo realizado em São Paulo em que apresentou uma maior prevalência em pessoas sem resultado confirmado <sup>38</sup>. A pesquisa revela que, a maioria dos indivíduos teve alguma sintomatologia ansiosa, todavia, cerca de 59,6% dos acadêmicos apresentavam não diagnóstico prévio de ansiedade. Não obstante, podemos observar uma associação entre estudantes com diagnóstico prévio e aumento da ansiedade na pandemia <sup>20</sup>. Além disso, 186 pessoas sentiram necessidade de procurar atendimento psicológico ou psiquiátrico, todavia 33,1% não procurou atendimento mesmo precisando. Diversos estudos demonstram que independentemente dos altos índices de sofrimento psíquico entre esse público apenas 8% a 15% procuram suporte psicológico, o que se cria um alerta pois tal atitude pode gerar riscos maiores para a vida desses acadêmicos, desde redução no aprendizado até mesmo suicídio <sup>10,31,39</sup>.

## CONCLUSÃO

O presente estudo demonstrou elevadas taxas de ansiedade nos acadêmicos de medicina principalmente quando comparadas a outros estudos e a pesquisa realizada na mesma universidade em 2017. Pode-se evidenciar uma maior prevalência de ansiedade no sexo feminino, ciclo clínico e básico e em quem não estava adaptado ao ensino a distância. Ademais foi possível concluir que alguns fatores apresentavam tendência maiores a desenvolver mais sintomas ansioso, como infecção pelo Sars-Cov-2, perda de familiares ou amigos próximos pelo COVID-19, pensar em desistir da faculdade, não praticar atividade física e insatisfação com o curso.

## REFERÊNCIAS

1. Tanaka MM, Furlan LL, Branco LM, et al. Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, Brasil. **Adaptação de Alunos de Medicina em Anos Iniciais da Formação**. Rev. Bras. Educ. Med. 2016 dez, 40(4):663–8.
2. Trigueiro ES de O, Teixeira MM de S, Silva JMF de L, et al. **Índices de depressão e ansiedade em estudantes de psicologia: um estudo exploratório**. RSD. 2021 mar 10(3):e3310312897.



3. Silva ÉC, Tucci AM. **Correlação entre ansiedade e consumo de álcool em estudantes universitários.** P Teoria e Prática. 20(2), 93-106. SP, maio-ago. 2018.
4. Ferreira BC, Silva SM, Costa BV. **Verification of anxiety in academics of the health courses of a Private University of the Zona da Mata, Minas Gerais.** Inter Scien Jour. 30 de maio de 2019; v.6, n.5, p. 330:24.
5. Leão AM, Gomes IP, Ferreira MJM, et al. **Prevalência e Fatores Associados à Depressão e Ansiedade entre Estudantes Universitários da Área da Saúde de um Grande Centro Urbano do Nordeste do Brasil.** Rev Bras Educ Med 2008 42(4):55–65.
6. Medeiros PB, Bittencourt FO. **Fatores associados à Ansiedade em Estudantes de uma Faculdade Particular.** Id on Line Rev Mult Psi. 2017, v 10, n. 33, 2017.
7. American Psychiatric Association. **DSM-5: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
8. Lima BVBG, Trajano FMPF, Neto GC, et al. **Avaliação da ansiedade e autoestima em concluintes do curso de graduação em enfermagem.** Rev de Enf 2017, nov 11(11):4326-33.
9. Zhou P, Yang X, Wang X, Hu B, et al. **A pneumonia outbreak associated with a new coronavirus of probable bat origin.** Nature 2020. Vol 579.
10. Silva AC da, Martins D da S, Santiago AT, et al. **O impacto psicológico da pandemia de COVID-19 nos acadêmicos de medicina da região de Carajás / The psychological impact of the COVID-19 pandemic on medical students in the region of Carajás.** BJHR. 2020;3(6):19731–47.
11. Marin GA, Bianchin JM, Caetano IR de IG, et al. **Depressão e efeitos da covid-19 em universitários.** IAJMH 2021 mar, v.4, n 187.
12. Dos Reis MAO de M, Correa BC, Moura CVB, et al. **Impactos na saúde mental por distanciamento e isolamento sociais pela COVID-19: uma perspectiva brasileira e mundial.** Acervo S 2021, v.13(2):e6535.
13. Rodrigues BB, Cardoso RR de J, Peres CHR, et al. **Aprendendo com o imprevisível: saúde mental dos universitários e educação médica na pandemia de covid-19.** Rev bras educ med 2020; 44(suppl1):e149.
14. Saidel MGB, Lima MHM, Campos CJG, et al. **Intervenções em saúde mental para profissionais de saúde frente a pandemia de Coronavírus [Mental health interventions for health professionals in the context of the Coronavirus pandemic] [Intervenciones de salud mental para profesionales de la salud ante la pandemia de Coronavírus].** UERJ Rev Enf. 2020 mai, 28:e49923.
15. Goularte JF, Serafim SD, Colombo R, et al. **COVID-19 and mental health in Brazil: Psychiatric symptoms in the general population.** Journal PR. 2021 jan, v.132. 32–37.



16. Santos GMRF dos, Silva ME da, Belmonte B do R. **COVID-19: emergency remote teaching and university professors' mental health.** Rev Bras Saude Mater Infant. 2021 fev, (suppl1):237–43.
17. Silva PH dos S, Faustino LR, Sobrinho MS de O, et al. **Educação remota na continuidade da formação médica em tempos de pandemia: viabilidade e percepções.** Rev bras educ med. 2021 jan, v. 45(1):e044.
18. UNESCO. **Comissão Futuros da Educação UNESCO apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19, 2020.**
19. Browning MHEM, Larson LEL, Sharaieska I, et al. **Impactos psicológicos do COVID-19 entre estudantes universitários: fatores de risco em sete estados dos Estados Unidos.** 2021,16(1):e0245327.
20. Teixeira L de AC, Costa RA, Mattos RMPR de, et al. **Saúde mental dos estudantes de Medicina do Brasil durante a pandemia da coronavirus disease 2019.** J Bra Psi. março de 2021;70(1):21–9.
21. Kecojevic A, Bash CH, Sullivan M, et al. **O impacto da epidemia de COVID-19 na saúde mental de estudantes de graduação em Nova Jersey.** Plos One, 2020, 15(9):e0239696.
22. Andrade LHSG de, Gorenstein C. **Aspectos gerais das escalas de avaliação de ansiedade.** Revista de Psiquiatria Clínica. 1998; 25(6): 285-290.
23. Cunha JA. **Manual da versão em português das Escalas Beck.** São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
24. Pacheco JP, Giacomini HT, Tam WW, et al. **Mental health problems among medical students in Brazil: a systematic review and meta-analysis.** Rev Bra Psi. 2017, v.39, n 4, p. 369-378.
25. Wagner TG, Bussolo AG, Feldens VP. **Prevalência de sintomas depressivos e ansiosos em estudantes de Medicina.** Rev AMRIGS. 2018, v. 62, p. 377.
26. Leão DM de QC, Tabosa AKMM, Isidoro FD de C, et al. **Estresse, Ansiedade e Depressão nos estudantes de medicina da UFPE-CAA durante a pandemia de COVID-19 / Stress, Anxiety and Depression in medicine students at UFPE-CAA during the COVID-19 pandemic.** Brazilian Journal of H R. 2022, 5(4), 12162–12175.
27. Carvalho E A, Oliveira E S, et al. **Saúde mental: motivações dos estudantes de medicina da UNIFIMES quanto ao uso do NAPSI antes e durante a pandemia da Covid-19.** Brazilian Journal of Health Review. 2024 Jan 03;7(2):p.01-14.
28. Sacramento BO, Anjos, TL dos, Barbosa AGL, et al. **Sintomas de ansiedade e depressão entre estudantes de medicina: estudo de prevalência e fatores associados.** Rev Bras Edu Med. 2021, 45 (1) 021, v4.



29. Simões R C, Alves I A, Aragão M A. **PREVALÊNCIA DE SINTOMAS DE ANSIEDADE ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE DO MARANHÃO - BRASIL.** Revista CPAQV - Centro De Pesquisas Avançadas Em Qualidade De Vida. 2024;16(1)
30. Barbosa AM de SJ, Assed G de FS, Assed G de FS, et al. **O impacto da pandemia da Covid-19 na saúde mental dos estudantes de medicina do primeiro ao quinto ano de uma universidade do nordeste paulista.** Artigos, 2022 mai; 34:e10166.
31. Nogueira, ÉG, Matos NC de, Machado JN, et al. **Avaliação dos níveis de ansiedade e seus fatores associados em estudantes internos de Medicina.** Rev Bra Edu Med. 2021,45(1): e017.
32. Cardoso ACC, Barbosa, LA de O, Quintanilha LF, et al. **Prevalência de transtornos mentais comuns entre estudantes de Medicina durante a pandemia de Covid-19.** Rev Bra Edu Med. 2021, 46 (1):006.
33. Reis G S, et al. **Transtornos mentais na pandemia: avaliação da saúde mental de estudantes de medicina.** Revista de Atenção à Saúde. 2023 v.21 e20238880
34. Michelis GT, Galvão J, Freitas SA de, et al. **Adaptação Acadêmica e Saúde Mental de Estudantes de Medicina na COVID19: Estudo Exploratório no Brasil.** Col hum. 2020,18(1), 159–170.
35. Fernandes D J, Brandão A C, et al. **Impacto da pandemia de COVID-19 na saúde mental dos estudantes de medicina.** Brazilian Journal of Health Review. 2023;v. 6(n. 4):p.18827-18839
36. Santos LA, Andrade IS, Souza TA, et al. **A ansiedade e o distanciamento familiar em estudantes universitários.** Rev EAS. 2021,12(11), e4933.
37. Corte JD, Santos LC, Chrispino RF, et al. **Impacto da atividade física sobre os níveis de ansiedade durante a pandemia de Covid-19.** Ver bra de FE. 2022 fev, 21(1), 61–76.
38. Pereira ACC, Pereira, MMA, Silva BLL, et al. **O agravamento dos transtornos de ansiedade em profissionais de saúde no contexto da pandemia da COVID-19 / The aggravation of anxiety disorders in healthcare professionals in the context of COVID-19 pandemic.** Bra Jour of HR. 2021, 4094–4110.
39. Vasconcelos TC de, Dias BRT, Andrade LR, et al. **Revalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina.** Rev Bra Edu Med. 2015, 39(1), 135–142.

## TABELAS

**Tabela 1** - Relação entre o perfil dos estudantes e a existência de sintomas ansiosos (BAI  $\geq 8$ )

VARIÁVEIS	TOTAL DE ALUNOS n (%)	SINTOMAS ANSIOSO n (%)	VALOR DE P
-----------	--------------------------	---------------------------	------------



<b>CICLO</b>				0,58
Básico	102(33,8)	77(75,5)		
Clinico	134 (44,4)	106(79,1)		
Internato	66 (21,9)	48(72,7)		
<b>SEXO</b>				0,001
Feminino	213(70,5)	174(81,7)		
Masculino	89(29,5)	57(64)		
<b>IDADE</b>				0,001
18 a 22 anos	143(47,4)	117(81,8)		
23 a 27 anos	117(38,7)	91(77,8)		
28 ou mais aos	42(13,9)	23(54,8)		
<b>ESTADO CIVIL</b>				0,302
Casado/morando junto	25(8,3)	16(64)		
Outros	10(3,3)	8(80)		
Solteiro	267(88,4)	207(77,5)		
<b>VOCÊ MORA</b>				0,812
Sozinho	81(26,8)	62(76,5)		
Com familiares	145(48)	108(74,5)		
Com amigos	57(18,9)	46(80,7)		
Outros	19(6,3)	15(78,9)		
<b>REALIZA ATIVIDADE FÍSICA</b>				0,173
Não	57(18,6)	49(86)		
Sim 3 ou mais vezes por semana	148(49)	110(74,3)		
Sim uma ou 2 vezes por semana	97(32,1)	72(74,2)		
<b>USO DE TABACO</b>				0,98
Sim	55(18,2)	42(76,4)		
Não	247(81,8)	189(76,5)		
<b>USO DE BEBIDA ALCOÓLICA</b>				0,479
Não	92(30,5)	66(73,6)		
Sim 3 ou mais vezes por semana	19(6,3)	13(68,4)		
Sim uma ou 2 vezes por semana	191(63,2)	150(78,5)		
<b>TOTAL</b>	<b>302(100)</b>	<b>231(76,5)</b>		

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

**Tabela 2** – Características clínicas dos estudantes de medicina em e a existência de sintomas ansiosos (BAI  $\geq$ 8)

VARIÁVEIS	TOTAL DE ALUNOS n (%)	SINTOMAS ANSIOSO n (%)	VALOR DE P
<b>DIAGNOSTICO PRÉVIO DE ANSIEDADE</b>			<0,001
Não	180(59,6)	123(68,3)	



Sim	122(40,4)	108(88,5)	
<b>USO DE PSICOFÁRMACOS</b>			<0,001
Não	208(68,9)	147(70,7)	
Sim	122(40,4)	84(89,4)	
<b>INFECÇÃO PELO SARS-COV-2</b>			0,083
Não foi infectado ou não apresentou sintomas	173(57,3)	126(72,8)	
Sim confirmado por exames laboratoriais	129(42,7)	105(81,4)	
<b>FAMILIARES OU AMIGOS PRÓXIMOS FALECERAM POR COVID-19</b>			0,172
Não	201(66,6)	149(74,1)	
Sim	101(33,4)	82(81,2)	
<b>NECESSIDADE EM PROCURAR ATENDIMENTO PSICOLÓGICO OU PSIQUIÁTRICO NO ÚLTIMO ANO</b>			<0,001
Não	77(25,5)	34(44,2)	
Não, pois já fazia tratamento anteriormente	39(12,9)	36(92,3)	
Sim, está em andamento	86(28,5)	77(89,5)	
Sim, mas não procurei atendimento	100(33,1)	84(84)	
<b>ESTÁ BEM ADAPTADO AO ENSINO A DISTANCIA (EAD)</b>			0,007
Não, tenho dificuldade de concentração	205(67,6)	166(81)	
Não tenho dificuldade com as plataformas	21(7)	17(81)	
Sim estou bem adaptado	76(25,2)	48(63,2)	
<b>APRESENTA DIFICULDADE DE ESTUDAR NO ENSINO EAD</b>			0,002
Não, consigo estudar normal	62(20,5)	37(59,1)	
Sim, não consigo me adaptar ao EAD	51(16,9)	39(76,5)	
Sim, não consigo me concentrar	189(62,6)	155(82)	
<b>PENSAMENTO DE DESISTIR DO CURSO DE MEDICINA DURANTE A PANDEMIA</b>			0,011
Não	215(71,2)	156(72,6)	
Sim	87(28,8)	75(86,2)	
<b>SATISFAÇÃO COM O CURSO ATUAL</b>			0,016
Insatisfeito	157(52)	129(82,2)	
Satisfeito	145(48)	102(70,3)	
<b>TOTAL</b>	<b>302(100)</b>	<b>231(76,5)</b>	

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

**Tabela 3** - Classificação pela pontuação do BAI em correlação dos ciclos com sintomatologia ansiosa

	<b>CICLO BÁSICO</b>	<b>CICLO CLÍNICO</b>	<b>INTERNATO</b>	<b>TOTAL</b>
	<b>n (%)</b>	<b>n (%)</b>	<b>n (%)</b>	<b>n (%)</b>
Sem sintomas ou mínimos	25(24,5) 27(26,5)	28(20,9) 50(37,3)	18(27,3) 18(27,3)	71(23,5) 95(31,5)
Sintomas leves	26(25,5)	25(18,7)	24(36,4)	75(24,8)
Sintomas moderados	24(23,5)	31(23,1)	6(9,1)	61(20,2)
Sintomas graves				
<b>TOTAL</b>	<b>102(33,8)</b>	<b>134(44,4)</b>	<b>66(21,9)</b>	<b>302(100)</b>

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).